



Introdução

O atendimento no ambulatório de quimioterapia requer um olhar diferenciado na prática assistencial de enfermagem, principalmente no quesito acesso vascular. Com objetivo de garantir a segurança dos pacientes na administração de quimioterápicos, conservando a rede venosa periférica, o Instituto de Oncologia Santa Paula (IOSP) apostou nas vantagens do cateter central de inserção periférica – PICC (*Peripherally inserted central catheter*) por ser uma via segura, de fácil confecção, menos traumática ao paciente oncológico, além de possuir uma tecnologia antitrombogênica e bacteriostática.

O enfermeiro é capacitado para indicação do PICC, mas carece de autonomia e necessita de autorização médica¹

Objetivo do Estudo

Relatar o tempo de permanência do cateter de PICC, manejo durante o tratamento, índices de infecção e trombose.

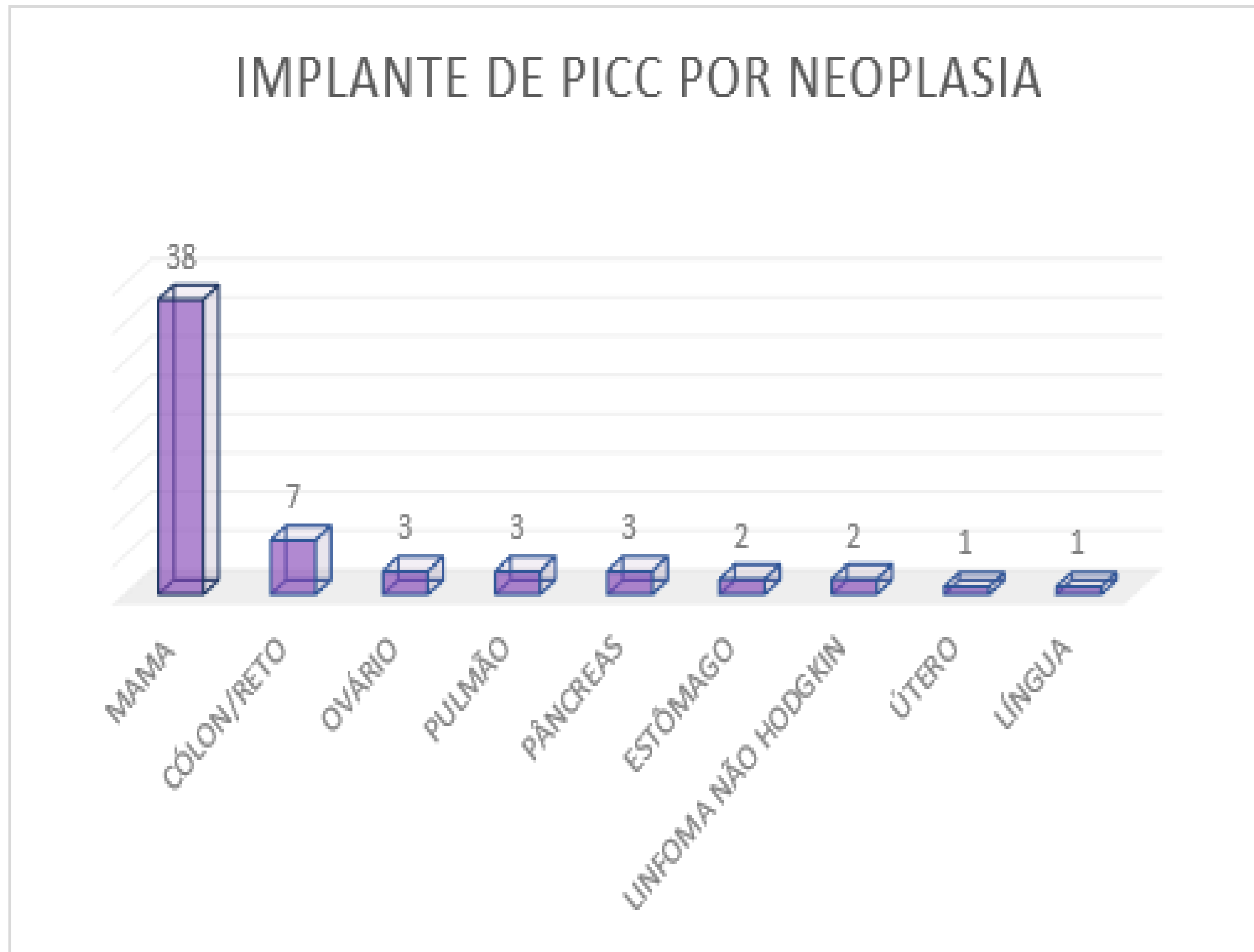
Métodos

Pesquisa realizada com base na análise de prontuários de pacientes que utilizaram o cateter de PICC no período de Janeiro a Dezembro de 2018.

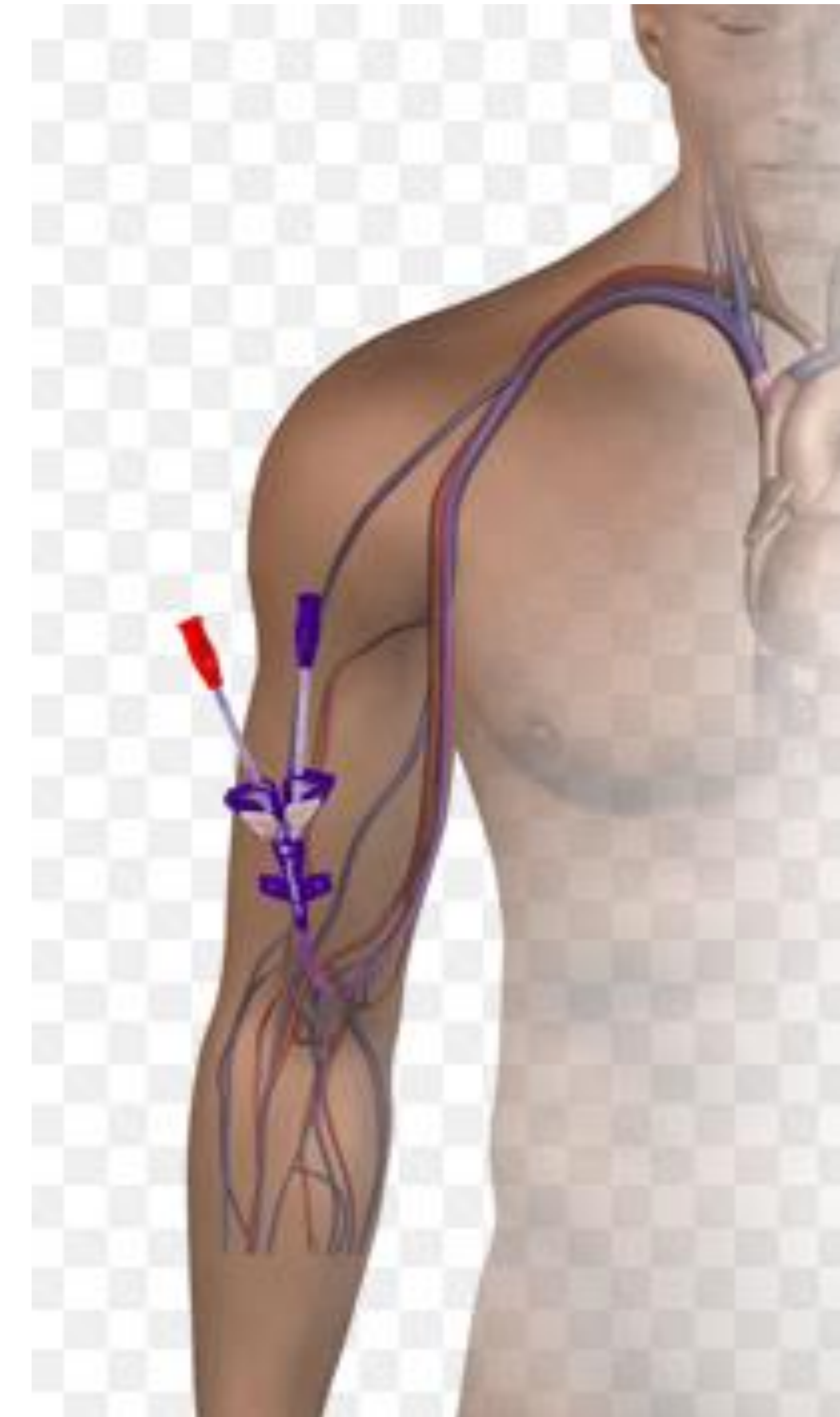
Resultados

- No período de Janeiro a Dezembro de 2018 foram implantados 60 cateteres de PICC.
- Os critérios para passagem do cateter foram: dificuldade de punção venosa periférica, infusão de quimioterapia e a necessidade de manter bomba infusora eletrônica de quimioterapia em domicílio.
- Os cateteres foram implantados em pacientes que trataram câncer de língua, mama, pulmão, pâncreas, estômago, ginecológicos, colón, reto e hematológico.
- Tempo de permanência variou entre 3 a 11 meses.
- O manejo do cateter de PICC consiste em: higienização correta das mãos, realizar troca de curativo semanalmente ou se necessário, heparinizar o cateter ao utilizar ou a cada 30 a 40 dias e o turbilhonamento com soro fisiológico antes e após as medicações.
- Ocorrências como infecção, obstrução e tracionamento acidental não ocorreram. Apenas 0,60% dos pacientes apresentaram trombose.

Gráfico



Imagem



Conclusões

O estudo tem como objetivo mostrar através de evidências que a utilização do cateter de PICC no IOSP, tem sido bastante utilizado por pacientes oncológicos em diversos tipos de tratamentos e tempo variado de permanência.

No período do estudo não houve casos de infecção de corrente sanguínea associada ao mau uso do cateter e cuidados em domicílio.

Em relação a trombose não foi confirmado se está relacionado ao cateter ou comorbidades do paciente oncológico. O paciente foi tratado com terapia antitrombótica e permaneceu com o cateter até o final da terapia proposta.

Referência

1 Costa LC, Paes OG. Aplicabilidade dos diagnósticos de enfermagem como subsídios para indicação do cateter central de inserção periférica. Esc. Anna Nery, 2012, out-dez; 16 (4):649-656.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452012000400002